



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

1984 E LUA DE LARVAS: O REFLEXO DA IDEALIZAÇÃO UTÓPICA NA DISTOPIA



1984 AND MAGGOT MOON: THE REPERCUSSION OF THE UTOPIAN IDEALIZATION ON DYSTOPIA

Yohana Gonçalves BONFIM
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 30/08/2019 • APROVADO EM 03/01/2020

Resumo

Nas narrativas distópicas *1984* (1949), de George Orwell, e *Lua de Larvas* (2012), de Sally Gardner, há a figuração de governos totalitários que dispõem de aparatos que objetivam a manipulação e controle da população. A vigilância, aspecto figurado em ambas as obras, assegura a aplicabilidade de tais aparatos e se configura também como um dos principais meios que inibem a população para um levante popular. Portanto, as personagens destas narrativas se encontram diante de situações elaboradas para extirpar qualquer resquício de identidade e individualidade, características semelhantes às figuradas em narrativas utópicas. Elementos que garantem a homogeneidade ideológica e comportamental são de suma importância para a manutenção tanto dos regimes distópicos figurados nas narrativas de Orwell e Gardner, quanto em sociedades concebidas como modelares. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo a análise comparativa entre as obras em questão, que tem como parâmetro o processo de homogeneização, portanto, pretendemos verificar como

ocorre a figuração dos diferentes meios de controle que se destinam a esta finalidade. A análise contemplará um estudo comparado a respeito desses aparatos, que visa a identificar assim, as aproximações e discrepâncias entre as narrativas, como também, se a obra de Gardner apresenta uma atualidade de questões figuradas na narrativa de Orwell. A pesquisa está amparada em referencial teórico acerca das relações existentes entre Literatura e utopia/distopia, sendo assim, utilizamos as considerações de Fortunati (2001), Trousson (2005), Berriel (2005), entre outros.

2

Abstract

In the dystopian narratives *1984* (1949), by George Orwell, and *Maggot Moon* (2012), by Sally Gardner, there are portrayed totalitarian governments that make use of equipments with the goal of manipulating and controlling the inhabitants of a place. Surveillance, is a common theme in the both novels. It assures the efficiency of the system and also becomes one of the prime means of stopping people from causing a riot. Therefore, the characters from these narratives find themselves in situations that were created to get rid their identity and individuality (which can be found in utopian narratives). Elements that ensure ideological and behavioral homogeneity are essential for the maintenance of dystopian regimes that appear both on Orwell's and Gardner's narratives and on utopian societies. Taking this into account, the aim of this research is to analyze comparatively the two aforementioned books. The goal is to verify how means of control are depicted in both dystopian narratives. The analysis brings a comparative study about these elements, trying to identify the similarities and the gaps between the narratives. Another goal is to identify if Gardner's book introduces new forms of control presents in Orwell's narrative. This research is based upon utopian and dystopian literature and research such as Fortunati (2001), Trousson (2005), Berriel (2005), among others.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Distopia. Orwell. Gardner.

KEYWORDS: Dystopia. Orwell. Gardner.

Texto integral

Lua de Larvas (2012) é uma obra distópica escrita por Sally Gardner que nos mostra a rotina de um garoto de quinze anos chamado Standish. Ele vive em um universo ficcional denominado como Terra Mãe, local em que impera um governo totalitário e opressor. *1984* (1949), obra escrita por George Orwell, também é considerada uma distopia. Esta narrativa tem como protagonista, Winston Smith, um funcionário do Partido que trabalha no Ministério da Verdade, local em que os documentos historiográficos são constantemente alterados.

Nas distopias de Orwell e Gardner, há a figuração de governos totalitários que possuem aparatos que objetivam a manipulação e controle da população. Portanto, as personagens destas narrativas se encontram diante de situações

elaboradas para extirpar qualquer resquício de identidade e individualidade. Os membros pertencentes a estes governos sequer são valorizados como seres humanos, sendo relegados assim, a meros mecanismos que, seja por amor ou medo, devem lutar pela manutenção do sistema imposto e podem ser facilmente substituídos.



Em 1984, há diversos meios que inibem a população para a tentativa de um levante popular. A narrativa distópica de Orwell figura meios de coerção, de certa forma, mais sutis que os figurados na narrativa de Gardner. A título de exemplo, podemos citar a prática deliberada do *duplipensamento*, bem como, ao descaso pelo qual se encontram os proletas; cercados pelo entretenimento vazio e trabalho excessivo. Segundo Pavloski (2014), estes meios de controle podem levar a população a um estado de inconsciência. Ao mesmo tempo em que são oprimidos, os cidadãos de Oceania são devotos pelo partido. Tais características são coerentes com um dos lemas do *Socing*: “Ignorância é força” (ORWELL, 2009, p. 11). Este estado de inconsciência não é facilmente percebido na narrativa de Gardner, visto que nesta há um domínio da violência gratuita. Tal atitude gera o medo e a conseqüente cooperação dos cidadãos para a manutenção e fortalecimento do regime.

Estas duas obras apresentam também uma constante vigilância, que decorre tanto pela utilização da tecnologia, quanto pela própria população. Portanto, podemos perceber que além de pertencerem ao mesmo gênero literário, os universos distópicos figurados nas obras de Gardner e Orwell muito se assemelham.

Em face ao exposto, o objetivo do presente artigo é analisar os meios de controle utilizados pelos regimes totalitários figurados nas narrativas de Orwell e Gardner; que visam a assegurar a sua manutenção, como também, para alcançar um ideal de modelo social regrado para a uniformidade comportamental e ideológica de seus cidadãos. A análise contemplará um estudo comparado a respeito dessas questões, que visa a reconhecer as aproximações e discrepâncias entre as narrativas, assim como, demonstrar a sua importância e pertinência. Por meio dessa análise, objetivamos também identificar se a narrativa de Gardner apresenta uma atualidade de questões figuradas na narrativa de Orwell.

O controle exagerado acerca das ações individuais; que pode ser verificado em narrativas distópicas, veicula críticas acerca das narrativas utópicas, portanto, antes de explicarmos a respeito do gênero distópico, vamos elucidar um pouco a respeito do gênero utópico.

O termo utopia foi utilizado pela primeira vez por Thomas More no ano de 1516. O neologismo criado pelo autor é o título de sua obra e também o nome da ilha figurada nela. A palavra provém do grego *Ou+topos*, (U-topus) e pode significar “país de lugar nenhum, lugar inexistente, não-lugar”. Outro termo que pode ser associado à utopia, devido à similaridade em sua raiz semântica, é o de *eutopia*, que etimologicamente significa “espaço de realização individual e conquista da felicidade”. As acepções semânticas presentes nos termos condizem com as características principais da ilha figurada em *Utopia*, como “o caráter de

irrealidade e a descrição da felicidade do Estado modelo” (TROUSSON, 2005, p. 125).



Com a publicação da obra de More, houve a formalização de um novo gênero: a literatura utópica. No entanto, antes da conceitualização do termo utopia surgir, já haviam escritos que abordavam a temática do pensamento utópico. A título de exemplo, podemos citar *A República*, escrita por Platão. Escritos enquadrados neste gênero, tem como principal objetivo figurar um ideal de sociedade em contraposição ao universo empírico, ou seja, geralmente descrevem sociedades modelares que não necessitam de mudanças ou transformações. Nestas sociedades, os problemas comuns, tanto da vida pessoal quanto da convivência do indivíduo em sociedade, são reduzidos ao mínimo possível, no entanto, conflitos ainda podem surgir, o que justifica a existência de leis.

Entretanto, o neologismo criado por More não designa apenas escritos que contemplam a figuração de sociedades modelares, pois, ao longo do tempo este termo adquiriu novas significações e conceitos. Um exemplo disto é a acepção de quimera, sonho, impossibilidade. Aglutinação que foi acentuada devido ao socialismo utópico no século XIX, já que neste período, o adjetivo utópico designava projetos idealistas de socialismo, ou seja, concepções políticas que estavam mais centradas nos princípios de uma sociedade ideal do que em meios para alcançá-la.

O neologismo que inicialmente designava “lugar inexistente”, e estava associado ao plano filosófico e literário, deriva um outro conceito, conhecido como utopismo.

O utopismo é caracterizado como um pensamento dinâmico, progressista e crítico perante a realidade. Uma das principais diferenças entre o utopismo como linha de pensamento e a utopia como modelo social (recorrentemente figurada nos textos literários do gênero) é que um pode ser considerado dinâmico, ao passo que a outra é estática. O utopismo “se caracteriza como uma forma de caminhar e, ao mesmo tempo, questionar as irregularidades do caminho” (PAVLOSKI, 2017, p. 118). Ao contrário da utopia, pois devido à sociedade ser concebida como modelar, não há aperfeiçoamentos a serem realizados. Em face do exposto, percebemos que a concretização da utopia pode fazer com que ocorra a aniquilação tanto do utopismo quanto do fluxo histórico.

Em decorrência de o termo utopia sofrer essas transformações, Lyman Tower Sargent (2005) considera difícil a delimitação de um *corpus* das obras pertencentes ao gênero literário utópico, já que os dois termos são frequentemente confundidos e pode ocorrer de “trabalhos que não se parecem em nada com a *Utopia* de More serem chamadas de utopias apenas porque, em algum momento, envolvem pensar em maneiras diferentes de viver” (SARGENT, 2005, p. 154, tradução nossa).

O teórico Raymond Trousson (2005) elucida que o gênero utópico, assim como qualquer outro gênero, possui critérios para sua formulação. O autor afirma ainda que a característica que pode o diferenciar de gêneros limítrofes ou aparentados é o seu propósito, pois segundo Trousson, estes escritos têm um caráter exortativo, já que visam à idealização de uma realidade alternativa em

contraposição a realidade existente. Portanto, estes escritos podem promover reflexões socioculturais consistentes e funcionar como importantes meios de veiculação de críticas acerca do universo empírico. No entanto, o autor reconhece que apenas a designação de sua intencionalidade não é suficiente para que ocorra a sua categorização, pois essas produções não devem ser reduzidas a uma forma única e constante, como também, deve-se considerar a literariedade e historicidade do gênero, já que este possui uma evolução interna permeada por transformações e permanências. A seguir, Trousson elucida sobre as principais características do gênero utópico.



[...] a utopia subordina a narração à descrição, portanto nega o romance concebido como uma história, ou seja, uma sequência de acontecimentos encadeados no tempo e segundo um princípio de causalidade. Universo do tempo em suspensão, da temporalidade oca, não romance realista, mas esquematização da realidade, a utopia também não acolhe nenhum herói autônomo (TROUSSON, 2005, p. 132).

Como o espaço ficcional figurado nessas obras possui uma organização político – social considerada como perfeita, não há problemas que podem gerar conflitos. Tais características justificam a presença de descrições detalhadas a respeito do universo utópico e a ausência de acontecimentos. Trousson considera ainda que a estrutura propriamente romanesca surge a partir da antiutopia, pois neste gênero, há “uma visão individualista e contestadora ausente na utopia clássica” (TROUSSON, 2005, p. 133).

Outro elemento recorrente nestes escritos é a viagem; a partir da qual o narrador desembarca em uma terra desconhecida ou rememora a visita ao espaço utópico. Este elemento gera um ponto de vista de fora da organização social, que é condizente com o do leitor, além de funcionar como uma justificativa que possibilita a discussão e apresentação do universo alternativo.

Em síntese, o espaço utópico é apresentado por meio de um viajante ou um forasteiro, uma personagem que não pertence à organização social modelar e que, ao entrar em contato com este universo, apenas o descreve. O estranhamento desta personagem mimetiza a sensação do leitor diante das características da sociedade ficcional. Como iremos discutir mais adiante, esta característica sofrerá alterações ao longo do desenvolvimento do gênero utópico.

Toda a organização utópica é pensada no bem – estar coletivo e dispõe de aparatos e normas que visam a controlar o comportamento do indivíduo, numa tentativa de fazer com que não haja espaço para o surgimento de aspectos considerados como falhos no universo empírico. “[...] a estrutura pode ser idealizada como sendo perfeita, mas os indivíduos incluídos nela não o são. Com isso, leis devem ser impostas e a desobediência deve ser punida” (PAVLOSKI, 2017, p. 125).

Os projetos utópicos tendem a ter uma abordagem racionalista que visa obter verdades universais para a construção do idílio utópico, desconsiderando

assim, a heterogeneidade social e as idiossincrasias. Este racionalismo exacerbado revela o caráter maniqueísta dos projetos utópicos, que visam a normatização e homogeneidade, “[...] o modelo utópico se baseia na uniformidade política e ideológica de seus cidadãos. Não basta desejar o paraíso social, os indivíduos devem oferecer sacrifícios pessoais para que a ordem seja preservada” (PAVLOSKI, 2014, p. 55).

Em decorrência disso, surgiram vertentes reacionárias que defendiam a liberdade individual e as especificidades de cada sistema cultural. Elas criticavam as generalizações impostas pelas utopias e alegavam que uma sociedade universalmente perfeita é algo inviável, já que os desejos variam de uma comunidade para outra e até mesmo de um indivíduo para outro.

Diante disso, o final do século XVII é marcado pela problematização do pensamento utópico e isto resultou em três consequências. A primeira delas foi à expansão semântica do termo, que aglutinou acepções como “inalcançável” ou “irrealizável”. Outro aspecto foi à relativa limitação dos textos utópicos às produções literárias, sendo considerados sem muito valor sociológico, especialmente com o advento do positivismo oitocentista. E, por fim, ocorreu o surgimento das utopias negativas ou distopias no final do século XIX.

As narrativas distópicas surgiram como crítica às idealizações utópicas e ao rígido controle das ações individuais que são utilizados como estratégia para manter a estabilidade da estrutura social utópica, portanto, ao figurarem governos totalitários, percebemos que as narrativas distópicas não são necessariamente contrárias às utopias consideradas positivas, mas extensões radicais de um mesmo princípio de organização social. Como bem elucida o professor Carlos Eduardo Ornelas Berriel

É bem sabido que a distopia nasceu da utopia, e que ambas expressões são estreitamente ligadas. Há em toda utopia um elemento distópico, expresso ou tácito, e vice-versa. A utopia pode ser distópica se não forem compartilhados os pressupostos essenciais, ou utópica a distopia, se a deformação caricatural da realidade não for aceita. A distopia, que revela o medo da opressão totalizante, pode ser vista como o oposto especular da própria utopia. É preciso considerar a relatividade daquilo a que se referia Margareth Mead, quando avisava ser o sonho de um o pesadelo do outro. Afinal, o sonho de um pode ser perfeitamente inócuo para o outro. Trata-se principalmente da constatação de que o “sonho” perfeito de um, quando é oriundo de um *constructo* abstrato (que é efêmero mas se quer eterno, que é singular mas se imagina universal, que aspira a decretar o fim da História por se crer o ponto de chegada da vida humana), este sonho é o que gera o pesadelo da distopia (BERRIEL, 2005, p. 5).

Este caráter híbrido apontado por Berriel entre as duas vertentes do gênero utópico é coerente com o que é estabelecido por Tzvetan Todorov, em sua obra *Introdução à Literatura Fantástica* (1970). O autor considera que “as obras não devem coincidir com as categorias que não têm mais que uma existência

construída; uma obra pode, por exemplo, manifestar mais de uma categoria, mais de um gênero” (TODOROV, 1981, p. 14). Nas narrativas utópicas, por exemplo, segundo Vita Fortunati (2000), há evidências de que estas possuem interferências e contaminações de gêneros distintos, como a sátira, o fantástico e a ficção científica.

Nas distopias, diferentemente das utopias, há a figuração de uma sociedade que ainda está em desenvolvimento, ou seja, não alcançou um ideal de modelo social. Tal característica viabiliza para que estes escritos sejam enquadrados no gênero romanesco. Em vista disso, O Estado totalitário, comumente figurado nestas narrativas, emprega esforços para se manter no poder e conquistar um ideal de sociedade regrado para a homogeneização comportamental e ideológica; portanto, dispõe de diferentes mecanismos de controle, que podem ser violentos ou não. O objetivo central é condicionar o indivíduo ou forçá-lo a aceitação do regime, o que o leva à alienação e à perda da individualidade.

No gênero distópico, a figura do herói assume papel importante, visto que geralmente pertence à estrutura social distópica; e é comum que ainda não tenha sido conquistado ou dominado pelas doutrinas do regime, como é o caso de Winston, em *1984*; e Standish, em *Lua de Larvas*. Desta forma, os heróis distópicos desvelam ao leitor o nível de opressão exercido pelo regime e concentram suas ações contestadoras como tentativas de afirmação de sua individualidade em relação à organização social normalizadora na qual estão inseridos.

O primeiro aspecto que vamos analisar dos meios de controle figurados nas narrativas *1984* e *Lua de Larvas* é a prescrição a padrões físicos, comportamentais e emocionais.

Em *1984*, o Partido utiliza a propaganda como um meio de controle e é por meio dela que se dissemina um ideal de modo de vida completamente inexistente em Oceania. Os cidadãos são representados como indivíduos felizes e fortes, que dispunham de melhores casas, roupas e comidas. Tais características são bem divergentes daquelas encontradas nas cidades, como exemplifica a seguinte passagem:

A vida — era só olhar em torno para constatar — não tinha nada a ver com as mentiras que manavam das teletelas, tampouco com os ideais que o Partido tentava atingir. [...] O ideal definido pelo Partido era uma coisa imensa, terrível e luminosa [...] —, uma nação de guerreiros e fanáticos avançando em perfeita sincronia, todos pensando os mesmos pensamentos e bradando os mesmos slogans, perpetuamente trabalhando, lutando, triunfando, perseguindo — trezentos milhões de pessoas de rostos iguais. A realidade eram cidades precárias se decompondo, nas quais pessoas subalimentadas se arrastavam de um lado para o outro em seus sapatos furados no interior de casas do século XIX com reformas improvisadas, sempre cheirando a repolho e a banheiros degradados (ORWELL, 2009, p. 93).

Ao divulgar imagens que não correspondem à situação pela qual se encontram os cidadãos de Oceania, o Estado impõe o exercício do *duplipensar*; que consiste basicamente na aceitação de que duas idéias, por vezes contrárias, coexistem. Isto promove a ortodoxia, como também insufla um sentimento de orgulho e de reconhecimento do governo com base em uma mentira.



Em *Lua de Larvas*, o regime impõe padrões físicos adequados aos cidadãos considerados modelares. Percebemos isto principalmente em relação ao protagonista – narrador da obra. A personagem possui dislexia e olhos com cores diferentes. A intolerância com aspectos cognitivos e físicos diferentes do que é considerado padrão se reflete nos recorrentes casos de *bullying* por parte dos colegas de escola de Standish. O *bullying*, nesse sentido, é uma maneira de reprimir, por meio de violências físicas ou verbais qualquer característica ou comportamento considerado diferente do que a grande maioria da população entende como normal. Em vista disto, esta prática pode ser considerada como uma atitude com tendências homogeneizadoras impulsionada pelo governo, mas praticada por grande parte das pessoas.

Devido as suas características, Standish é considerado uma criança com impurezas. No universo distópico de *Lua de Larvas*, os indivíduos considerados impuros são mortos ou mandados para a chamada Zona Sete. Percebemos, assim, que a imposição a padrões físicos adequados aos cidadãos é, na narrativa de Gardner, uma forma de segregar a população que não se enquadra ao ideal imposto. Em 1984, no entanto, esta padronização é algo que, de certa forma, proporciona o controle das massas.

Na Zona Sete, há também indivíduos que cometeram alguma infração ou ato divergente do que é prescrito pelo governo. As condições de vida neste local são extremamente precárias e apresenta características semelhantes aos dos guetos em que eram mandados os judeus no início do movimento nazista. Neste período, o governo nazista instituiu guetos com a intenção de isolar e controlar o povo judeu nos territórios conquistados. Tais locais foram, mais tarde, substituídos pelos campos de concentração. Estes ambientes possuíam condições precárias de vida, com superlotação e restrição na chegada de alimentos. Em *Lua de Larvas*, é perceptível que ocorre uma distribuição alimentícia que não supre as necessidades do protagonista – narrador e personagens próximas a ele.

Em 1984, assim como na narrativa de Gardner, é o Estado que distribui alimentos para a população, já que se trata de um governo com bases socialistas. A distribuição, não somente de alimentos, como também de outros produtos, é feita de maneira a atender somente às necessidades mais básicas da população.

Era a mesma coisa em todos os momentos que conseguia evocar com alguma acurácia: não havia comida suficiente, todas as meias e roupas de baixo estavam cheias de buracos, todos os móveis eram bambos e danificados, os aposentos mal aquecidos, o metrô superlotado, as casas caíam aos pedaços, o pão era escuro, o chá uma raridade, o café tinha um gosto asqueroso, os cigarros eram insuficientes — nada era barato e abundante, exceto o gim



Até mesmo os indivíduos pertencentes ao Partido Interno não dispõem de grandes benefícios, ainda que os pequenos privilégios dos quais desfrutam, já denotem uma diferença considerável em relação aos membros do Partido Externo. E destes, em comparação aos proletas. Em ambas as narrativas, podemos perceber que além do controle em relação ao que é distribuído, há também a abolição da propriedade privada. Por conseguinte, os indivíduos nada possuem individualmente e o regime controla os bens como melhor lhe convém.

Em *Lua de Larvas*, não há uma divisão hierárquica claramente estabelecida entre as camadas da sociedade, como as três classes existentes em *1984*. Contudo, é perceptível a diferença entre o protagonista – narrador e os colaboradores do Partido, por exemplo.

Vovô sempre desconfiou de que os principais informantes na nossa vizinhança fossem os que moravam nas casas emproadas no alto da rua, na extremidade oposta ao palácio. Eram residências sólidas, intactas, reservadas especialmente para as Mães pela Pureza. Como a senhora Fielder e suas amigas. Elas realizavam um trabalho inestimável para os Moscas-Verdes e os homens de casaco de couro preto, espionando os vizinhos em troca de leite em pó, de roupas, de todos aqueles artigos do dia a dia que, para conseguir, os simples cidadãos como nós, não colaboradores, meio mortos de fome, precisavam enfrentar filas todos os dias (GARDNER, 2014, p. 33).

Nesta passagem, Standish cita apenas a situação pela qual se encontram seus vizinhos, contudo, há, muito provavelmente, condições melhores de vida em outros locais. “É peixe com fritas. Peixe com fritas e uma grande fatia de limão. Essa é uma refeição da Zona Um. Eu nunca na vida tinha visto um limão de verdade. Sinto o cheiro do limão” (GARDNER, 2014, p. 268).

A sociedade ficcional em *Lua de Larvas* é dividida em Zonas e, de acordo com a passagem acima, cada um desses locais recebe suprimentos de maneira desigual, o que acentua o abismo entre as classes sociais. A manutenção da hierarquia estática se constitui como um aspecto importante para a permanência do regime no poder. E o controle dos recursos e bens é uma das formas que visam a estes objetivos. Além disso, a distribuição desigual de alimentos e outros produtos podem funcionar como mais um meio de controle, já que desta forma, o Partido pode assegurar o “bom” comportamento da população e conseguir delatores e apoiadores do regime. Tal aspecto será mais profundamente analisado no momento em que iniciarmos a discussão acerca das formas de vigilância figuradas nas obras.

Em relação a *1984*, se os indivíduos usufruíssem, de maneira justa, os recursos produzidos, é provável que houvesse uma desestabilização no regime, já que não haveria diferenciação entre as camadas sociais e as conquistas materiais

poderiam instigá-los a novas conquistas. Além disso, devido ao argumento da destinação dos recursos para uma causa maior, como a guerra, os indivíduos são obedientes e submissos. Tal aspecto é vantajoso para o regime, já que “é preciso manter uma estabilidade social e produtiva capaz de assegurar o poder e a hierarquia na qual se alicerça o Estado” (PAVLOSKI, 2014, p. 104).

Na tentativa de assegurar essa hierarquia, o Partido do Grande Irmão dispõe de meios de controle capazes de manipular psicologicamente os indivíduos, sem a utilização direta da violência.

Se quisermos evitar para sempre o advento da igualdade entre os homens — se quisermos que os Altos, como os chamamos, mantenham para sempre suas posições —, o estado mental predominante deve ser, forçosamente, o da insanidade controlada (ORWELL, 2009, pág. 254 - 255).

Esta insanidade controlada pode ser percebida tanto em relação aos proletas, como nos membros do Partido Interno e Externo. Na classe mais baixa é perceptível o descaso e a alienação na qual se encontram. Seus dias são preenchidos pelo trabalho exaustivo e pelo entretenimento vazio. Além disso, os membros dessa classe proletária são privados de um sistema educacional minimamente qualificado. Já os membros do Partido Interno e Externo utilizam deliberadamente do *duplipensamento* e são cercados por uma rígida ortodoxia na qual desvios são intoleráveis. Tais meios de controle resultam na ampla aceitação das mentiras propagadas pelo regime e evitam, assim, o surgimento de oposições e revoltas.

O regime totalitário figurado na obra de Gardner não dispõe de meios de controle semelhantes a estes, e, apesar de ter apoiadores, percebemos isso em uma escala bem menor do que em *1984*. Contudo, é inegável que em ambos os regimes as divergências podem surgir e a utilização da violência é, em síntese, uma complementação da imposição da ortodoxia.

Em *1984*, atos de demonstração de poder por meio de práticas violentas raramente acontecem diante da população. Isto é apenas evidente quando ocorrem os expurgos em massa, que são amplamente divulgados como ações higienizadoras da sociedade e não são realizados com frequência. Em *Lua de Larvas*, no entanto, há diversas passagens nas quais essas ações ocorrem publicamente, a ponto de as personagens sequer demonstrarem perplexidade diante delas. “Você achou que eu nunca tinha visto tamanha crueldade? Todos nós tínhamos. Nada como a morte inesperada e apavorante para manter todos calmos e obedientes” (GARDNER, 2014, p.117)

Este aspecto pode demonstrar a falibilidade e caráter prematuro do regime figurado no romance de Gardner. Na obra *Vigiar e punir: Nascimento da prisão* (1975), Michel Foucault considera que a eficácia da punição “é atribuída à sua fatalidade e não a sua intensidade visível [...]” (FOUCAULT, 1987, p. 13). O autor explica ainda que as execuções públicas, apesar de demonstrarem a força da

entidade que executa as leis, podem funcionar como um gatilho para a população se rebelar contra tais práticas. “[...] o grande espetáculo das penas corria o risco de retornar através dos mesmos a quem se dirigia” (FOUCAULT, 1987, p. 79).



Nesse sentido, consideramos que o Partido do Grande Irmão edificou um regime distópico com aparatos melhor desenvolvidos para garantir a sua manutenção em comparação com o regime descrito em *Lua de Larvas*. O Socing controla um regime com ideais já consolidados e o controle das massas é verificável por meio de artifícios que geram uma espécie de insanidade controlada, o que resulta em indivíduos fiéis às causas do Partido e que o defendem de maneira veemente.

De acordo com o que foi discutido até o momento acerca das obras, é perceptível a importância do apoio popular para a manutenção do regime. A vigilância é um elemento bem aparente, tanto em 1984 quanto em *Lua de Larvas*, portanto, daremos início a análise e discussão acerca desse aspecto.

Um dos principais meios para vigiar a população de Oceania é um aparelho chamado teletela. Já na Zona Sete, da ficção de Gardner, percebemos a utilização de câmeras. Diferentemente das câmeras utilizadas pela Terra Mãe, que ocupam somente espaços públicos, quase toda a população de Oceania dispõe de um destes aparelhos em sua residência. Os únicos que não possuem são os proletas. Contudo, elas estão presentes em quase todos os locais. Há teletelas nas residências, nos Ministérios, nas praças e, inclusive, uma em frente à mesa em que Winston trabalha. Estes aparelhos são um dos principais meios utilizados para detectar o pensamento-crime, pois o Partido considera como crime qualquer pensamento que contesta a ideologia imposta.

Em *Lua de Larvas*, as câmeras estão localizadas em espaços como a escola que Standish frequenta e diante do palácio localizado acima da rua em que ele mora. A utilização de tais aparelhos em um ambiente escolar poderia ser justificada como uma forma de preservar a segurança de alunos e professores. No entanto, essa possibilidade não se aplica ao espaço distópico da narrativa, pois há passagens em que se revela que as crianças são constantes vítimas de atos violentos cometidos por professores e colegas. Portanto, acreditamos que a principal razão para a utilização dessa tecnologia é realmente captar desvios de conduta como, por exemplo, ações e comentários que não são coerentes com a ideologia imposta pelo Partido, principalmente em relação aos professores e aos conteúdos que eles estão lecionando.

Quando meus pais eram professores na minha escola, Papai conseguia pelo menos dar a impressão de seguir a linha do partido. Mamãe, não. Ela deixava perfeitamente claro que não tinha a menor intenção de ensinar um monte de porcaria para crianças que mereciam coisa melhor. [...] Um dia, sem mais nem menos, os Moscas-Verdes vieram a nossa casa e levaram minha mãe embora, arrastada. Ela tentou agarrar a mesa da cozinha, mas só conseguiu segurar a toalha (GARDNER, 2014, p.126).

Na casa de Standish e de outros moradores do espaço distópico não há câmeras. Aparentemente, para vigiar os moradores dentro de seus lares, as patrulhas dos moscas-verdes, (como são chamados os policiais na narrativa) instalam microfones e fazem rondas com um carro blindado durante todo o dia e a noite.

Os microfones presentes nas residências são, muito provavelmente, instalados sem o conhecimento e consentimento da população. O avô de Standish apenas desconfia que eles estejam instalados em sua casa quando a família Lush é levada pelos policiais sem qualquer explicação.

Na obra de Gardner, nada é mencionado a respeito do alcance para captação sonora de tais aparelhos. Em 1984, no entanto, é perceptível que as teletelas podem captar o menor ruído como, por exemplo, os batimentos cardíacos.

Não era difícil manter um rosto inexpressivo; até mesmo a respiração podia ser controlada, com algum esforço. Uma coisa, porém, você não conseguia controlar: o batimento do coração, e a teletela era suficientemente sensível para captá-lo (ORWELL, 2009, p. 98 - 99).

Segundo Foucault, as funcionalidades destes dispositivos acabam funcionando como uma espécie de arquivo acerca das individualidades da população. “O exame faz também a individualidade entrar num campo documentário: seu resultado é um arquivo inteiro com detalhes e minúcias que se constitui no nível dos corpos e dos dias” (FOUCAULT, 1987, p. 185). O autor considera ainda que o ato de registrar comportamentos e traços individuais oportuniza, desta forma, a construção de um saber sobre os indivíduos e dos próprios mecanismos de controle. Isto faz com que aumente o grau de eficiência de todo o sistema ao longo do tempo.

As informações coletadas podem ser utilizadas contra os próprios indivíduos, seja em relação à análise e conseqüente estabelecimento de melhores formas de controle ou até mesmo em situações específicas como, por exemplo, nas torturas no quarto 101. Neste local, os indivíduos que estão sendo punidos devem encarar seu maior medo, informação apenas acessível devido à ininterrupta vigilância.

Outro aspecto a respeito dessa instrumentalização tecnológica para fins de fiscalização e controle é a incerteza dos habitantes de que há realmente alguém observando e ouvindo por meio desses aparelhos. A observação contínua e ininterrupta é possivelmente inviável, já que a onipresença não é uma característica humana e a disponibilização da quantidade necessária de vigias para observar ininterruptamente todos os cidadãos seria impraticável. Portanto, a incerteza forja a ilusão de uma vigilância constante e onipresente, o que torna o sistema ainda mais eficiente. Em 1984, a figura mítica do Grande Irmão alimenta esta ideia e é, ao mesmo tempo, alimentada por ela.

No romance de Orwell, os mecanismos de vigilância, sejam eles tecnológicos ou não, formam o olhar onipresente do Grande Irmão. A frase presente nos cartazes do Partido atribui ênfase a esta questão: “O Grande Irmão está de olho em você” (ORWELL, 2009, p. 12). Este *slogan* remete a ideia da vigilância constante do Estado e da própria sociedade no geral.

Um dos princípios em relação ao projeto arquitetônico intitulado *O panóptico*, criado por Jeremy Bentham, é que os indivíduos precisam estar cientes de que estão sendo observados, já que essa consciência pode fazer com que eles próprios regulem seu comportamento.

Na tentativa de manter sua individualidade e de não ser considerado um criminoso do pensamento, Winston age de maneira cautelosa. Segundo Pavloski (2014), a personagem tem um rigoroso controle sobre si mesma e evidente disciplina no que se refere à dissociação entre sua mente e corpo. Desde o início do romance, percebemos que Winston não aprova os desígnios pregados pelo Partido. Portanto, devido à constante vigilância e o perigo iminente de ser descoberto pela Polícia das Ideias, as ações da personagem são meticulosamente calculadas. Essa preocupação não se reflete apenas no comportamento do protagonista, pois, como todos vigiam a todos, a vida pública e as relações estabelecidas entre as pessoas são modificadas.

Em *O Panóptico*, prisioneiros vigiam outros prisioneiros, portanto, não é apenas o olhar do inspetor que possibilita a manutenção da ordem. Essa vigilância mútua, tal qual a que ocorre nas obras de Orwell e Gardner, propaga a efetivação de uma horizontalização do poder, ou seja, os próprios indivíduos inseridos no sistema exercem a sua parcela de poder uns sobre os outros. Assim, o poder não é restrito a apenas uma difusão vertical.

Como salientamos anteriormente, na narrativa de Gardner as residências não dispõem de aparelhos com o mesmo alcance que as teletelas da obra de Orwell. Portanto, as personagens podem ter um pouco de suas individualidades preservadas, já que o comportamento não é totalmente restringido. O que ocorre, todavia, é uma adaptação em relação à forma pela qual as personagens se comunicam. “À noite, antes de dormir, escutávamos o rádio. Vovô se acostumou a escrever o que queria dizer. Parte em figuras, parte em palavras. Só dentro da nossa cabeça tínhamos a liberdade de sonhar” (GARDNER, 2014, p. 161).

Diante disso, percebemos que o poder controlador do estado faz com que surja um novo tipo de controle. O do indivíduo sobre ele mesmo. Essa dinâmica pode ser percebida tanto nas personagens de Orwell quanto nas de Gardner.

No universo de *Lua de Larvas*, as personagens, de certa forma, manifestam sua individualidade por meio dos pensamentos, ainda relativamente livres do controle estatal. Na verdade, é assim que o leitor tem acesso à narrativa, ou seja, por meio dos pensamentos de seu protagonista-narrador. Ao relatar sua história, o protagonista – narrador deixa claro o quão desagradável considera o ambiente no qual está inserido. “Vou lhe dizer uma coisa: nasci direto numa droga de um pesadelo. A única saída estava dentro da minha cabeça. Na minha cabeça, existem Croca-Colas, Cadillacs. Existe o Planeta Júpiter e Hector para salvar a todos nós” (GARDNER, 2014, p. 187).

Em 1984, no entanto, tal ato é considerado como crime de pensamento ou pensamento-crime e a Polícia das Ideias é uma das organizações que visam vigiar e identificar os criminosos do pensamento. “De um membro do Partido exige-se que tenha não apenas a opinião certa, mas os instintos certos” (ORWELL, 2009, p. 248 - 249).

A Polícia das Ideias é composta por espões, que não permanecem apenas nos domínios do Partido, estendendo-se também ao local em que vivem o proletas. Percebemos isto, principalmente ao final da narrativa, pois o dono do antiquário localizado no bairro dos proletas é, na verdade, um membro da Polícia das Ideias.

O sr. Charrington entrou no aposento. De repente o comportamento dos homens de uniforme negro tornou-se mais cortês. Algo também se modificara na aparência do sr. Charrington. [...] O sotaque cockney desaparecera. De repente, Winston compreendeu de quem era a voz que ouvira momentos antes na teletela. O sr. Charrington continuava envergando seu velho paletó de veludo, porém seu cabelo, antes quase branco, se tornara preto. Além disso, já não usava óculos. [...] Seu rosto só passara por alterações ínfimas; mas o resultado era uma transformação completa. As sobrancelhas pretas estavam menos bastas, as rugas tinham sumido; todas as linhas do rosto pareciam ter-se modificado; até o nariz dava a impressão de estar menor. Era o rosto alerta e frio de um homem com cerca de trinta e cinco anos. Winston pensou que pela primeira vez na vida tinha a consciência de olhar para um membro da Polícia das Ideias (ORWELL, 2009, p. 263 - 264).

Apesar de não haver teletelas nas residências dos proletas, o Partido dispõe de outros meios para controlá-los, pois, como citado anteriormente, esta camada da população se encontra em uma situação alienante de vida e é cada vez mais instigada a isso. Ao inserir espões em meio à comunidade dos proletas, a Polícia das Ideias tem grandes chances de capturar desertores dos ideais do Grande Irmão, já que se trata de um ambiente que, supostamente, não é dominado pela ortodoxia e pela vigilância exacerbadas. Devido ao fato de não haver um domínio tão evidente quanto nos espaços de outras classes, os desertores podem ver neste ambiente uma oportunidade de cometer desvios contra o Partido sem serem descobertos.

Os espões da Polícia das Ideias também podem atuar em nome da Confraria, que não se constitui como uma organização propriamente dita. Na verdade, o Partido apenas veicula a ideia de que há uma resistência com este nome como um artifício para atrair indivíduos que ainda não tenham sido conquistados pelas doutrinas do *Socing*, prevenindo, assim, que haja a formação de grupos de resistência e possíveis rebeliões.

‘Já devem ter ouvido rumores sobre a existência da Confraria. Sem dúvida formaram sua própria imagem dela. Com toda a probabilidade, imaginam um vasto submundo de conspiradores

reunindo-se secretamente em porões, rabiscando mensagens em muros, reconhecendo uns aos outros por meio de códigos ou movimentos especiais da mão. Nada disso existe. Os membros da Confraria não têm como identificar uns aos outros, e um membro jamais conhece mais que um reduzidíssimo número de outros membros. O próprio Goldstein, se caísse nas mãos da Polícia das Ideias, não teria como fornecer a lista completa dos membros do movimento nem disporia de informações que lhes permitissem completar a lista. Não existe tal lista. A Confraria não pode ser liquidada porque não é uma organização no sentido usual do termo. Nada além da ideia de que é indestrutível a mantém ativa [...] (ORWELL, 2009, p. 210).

Os aparatos utilizados como disfarces em ambos os casos fazem com que esses meios de vigilância sejam ainda mais eficazes. Essas estratégias podem levar os criminosos do pensamento a serem mais imprudentes em relação aos seus comportamentos diante de certas personagens, já que acreditam não estarem sob constante vigilância. Como resultado, muitas delas são manipuladas e enganadas, a exemplo do próprio protagonista.

Na narrativa de Gardner, não há uma falsa organização de resistência que visa a capturar desertores. Apesar disso, é perceptível que a população é instigada a colaborar com o regime, por meio da vigilância e da delação. Geralmente os indivíduos que apoiam o regime na narrativa de Gardner, (pelo menos na Zona Sete) assim o fazem devido ao medo e à tentativa de preservação de sua integridade física, já que vivem em condições extremamente precárias e recorrentemente presenciam a prática de atos violentos por meio dos governantes. Outros apoiadores, como os moscas-verdes e alguns professores, encontram-se em uma posição hierárquica mais elevada do que a população relegada a viver na Zona Sete, o que pode justificar em parte seu apoio.

Segundo Michel Foucault (1979), o poder não está centrado em apenas uma instituição, mas se propaga como um feixe de relações, ou seja, o poder está presente em todos os âmbitos da vida social. Assim, os indivíduos não são apenas efeitos do poder, como também exercem a função de centros de transmissão desse mesmo poder. Ao vigiar uns aos outros, por exemplo, as personagens de ambas as narrativas estão colaborando com a manutenção do seu modo de vida e exercendo essa parcela de poder. Sua colaboração ao regime faz com que se tornem veículos de propagação dos ideais do Partido, pertencendo assim, a algo maior que suas próprias existências.

A primeira coisa que precisa entender é que o poder é coletivo. O indivíduo só consegue ter poder na medida em que deixa de ser um indivíduo. Você conhece o lema do Partido: 'Liberdade é Escravidão'. Nunca se deu conta de que a frase é reversível? Escravidão é liberdade. Sozinho — livre — o ser humano sempre será derrotado. Assim tem de ser, porque todo ser humano está condenado a morrer, o que é o maior de todos os fracassos. Mas se ele atingir a submissão total e completa, se conseguir abandonar sua própria identidade, se conseguir fundir-se com o Partido a

Esta descentralização do poder é perceptível nas narrativas de Orwell e Gardner, já que não são somente dispositivos e agentes oficiais que vigiam a população. Os governos de ambas as obras dispõem do apoio popular e de meios de instigar a colaboração dos indivíduos para esta tarefa. Portanto, o poder “sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro” (FOUCAULT, 1979, p. 75). Além da manutenção do regime distópico, essa difusão horizontal do poder acarreta também o distanciamento e o consequente isolamento do indivíduo, pois este passa a viver em um estado de eterna desconfiança e medo, acreditando que qualquer gesto ou palavra proferida pode ser fatal.

A aceitação as doutrinas do *Socing* ocorre desde a mais tenra idade. Um dos meios utilizados para a consolidação e manutenção da homogeneização ideológica é a instigação do nacionalismo. Esse aspecto também está presente na narrativa de Gardner, como veremos a seguir.

Em um ensaio intitulado *Notes on Nationalism* (1945), escrito por George Orwell, o autor argumenta a respeito de importantes questões sobre o nacionalismo, tais como, a diferença entre patriotismo e nacionalismo e três aspectos que podem estar presentes dentre as diferentes formas do pensamento nacionalista. Orwell considera o nacionalismo como uma prática a partir da qual milhões de pessoas podem ser rotuladas como boas ou más. Outro aspecto levado em consideração é “[...] o hábito de se identificar com uma única nação ou unidade, colocando-a além do bem e do mal, sem reconhecer qualquer dever que não seja o de promover os seus interesses” (ORWELL, 2018, p. 4, tradução nossa). Tais características são muito coerentes com o que percebemos em *1984*.

Espera-se que um membro do Partido não tenha emoções privadas nem momentos de suspensão do entusiasmo. Supõe-se que ele viva num frenesi contínuo de ódio aos inimigos estrangeiros e aos traidores internos, de júbilo diante das vitórias e de autodepreciação diante do poder e da sabedoria do Partido. A insatisfação produzida por sua vida despojada e sem atrativos é deliberadamente voltada para o exterior e dissipada por artifícios como Dois Minutos de Ódio, e as especulações que talvez pudessem induzir nele uma atitude cética ou rebelde são destruídas antes de vir à tona graças a sua disciplina interna, adquirida em tenra idade (ORWELL, 2009, p.249).

De acordo com Orwell, o nacionalismo pode ser definido por meio dessas três características: a obsessão, a instabilidade e a indiferença em relação à realidade. Conseguimos perceber estes três aspectos na narrativa de Orwell e também no romance de Gardner, ainda que de forma não tão acentuada. Isto porque, o regime figurado em *Lua de Larvas* parece ter sido implantado mais recentemente do que aquele descrito em *1984*. Standish tem apenas quinze anos e

ainda se lembra do tempo em que não vivia na Zona Sete. Já Winston está com quarenta anos e possui apenas vagas lembranças de como era a vida antes da ascensão do *Big Brother*. Ele tão pouco sabe se está exatamente no ano de 1984, o que ocorre, principalmente, em decorrência da constante alteração de acontecimentos e do *duplipensamento*.

Julgamos que as considerações de Orwell a respeito dos aspectos comuns a qualquer tipo de nacionalismo são importantes para a compreensão do apoio popular figurado nas narrativas.

A obsessão se caracteriza pela tentativa de manter a unidade de poder a todo custo. Geralmente busca-se a afirmação da superioridade em diferentes áreas, como, por exemplo, no poderio militar, na arte, na literatura, no esporte, etc. O indivíduo escreve, pensa, fala, sobre “[...] a superioridade de sua própria unidade de poder” (ORWELL, 2018, p. 12, tradução nossa).

Na narrativa de Orwell, além dos Dois Minutos de Ódio, percebemos também a exaltação ao Partido por meio de diferentes celebrações e eventos, como, por exemplo, a Semana do Ódio.

Em *Lua de Larvas*, a obsessão nacionalista é evidente quando o governo decide enviar uma missão tripulada à Lua. Mesmo havendo pesquisas afirmando que a empreitada seria impossível, a Terra Mãe obriga, por meio de ameaças, alguns cidadãos a colaborarem com a construção de um cenário que alude à superfície lunar e a transmitirem as imagens de uma suposta aterrissagem aos cidadãos.

Assim como na narrativa de Gardner, há diversas teorias que afirmam que o pouso da Apollo 11, no ano de 1969, nunca ocorreu e foi apenas uma encenação. Acerca disso, a teoria conspiratória mais conhecida é a de que a chegada à lua foi encenada em um estúdio de Hollywood e dirigida por Stanley Kubrick. Outra versão é defendida por Bill Kaysing, em seu livro *We never went to the moon* (1997). O autor também alega que as imagens dos astronautas em solo lunar foram gravadas em um estúdio de cinema. Dentre seus argumentos, podemos citar a ausência de estrelas e crateras na superfície lunar e o fato de que as sombras dos astronautas não são paralelas, e, em alguns casos, apontam para direções opostas. Essas duas teorias também levam em consideração o fato de que o governo dos Estados Unidos não dispunha, na época, de recursos materiais e científicos para realizar tal feito, portanto, como uma alternativa, segundo Kaysing, falsearam a história para demonstrar assim sua supremacia em relação aos russos e ao mundo.

Independentemente da polêmica gerada, é interessante perceber como essa teoria é tematizada em *Lua de Larvas*. Na obra, a farsa da viagem tripulada a Lua é elaborada para insuflar o nacionalismo, bem como, o ideal de supremacia do regime. Além disso, essa pantomima desvia o foco dos cidadãos das atrocidades cometidas cotidianamente. Essa função complementar remete também à terceira consideração de Orwell a respeito do hábito mental sobre a qual discutiremos posteriormente: a indiferença à realidade.

A instabilidade se constitui como a transferência das lealdades nacionalistas, que, segundo Orwell, frequentemente estão vinculadas a um país.

“Um país ou unidade reverenciada por muito tempo, pode repentinamente se tornar detestável e outro objeto de afeição pode tomar seu lugar quase sem interregno” (ORWELL, 2018, p. 15, tradução nossa).

Na narrativa de Orwell, essa instabilidade pode ser percebida nas constantes mudanças das potências aliadas e inimigas de Oceania. No mapa global redesenhado em 1984, além da Oceania, há mais duas superpotências, a Eurásia e a Lestásia. A superpotência governada pelo Grande Irmão está sempre em guerra com uma dessas potências e em paz com a outra. No entanto, há uma rotatividade periódica entre inimigos e aliados, de forma que a guerra nunca se encerra e a população comum, incluindo Winston Smith, sequer se lembram dos motivos e da duração dos conflitos. Esta característica, em conjunto com o *duplipensamento*, impossibilita que indivíduos do Partido Externo dispunham de uma consciência crítica e questionem tal situação.

O Partido dizia que a Oceania jamais fora aliada da Eurásia. Ele, Winston Smith, sabia que a Oceania fora aliada da Eurásia não mais de quatro anos antes. Mas em que local existia esse conhecimento? Apenas em sua própria consciência que, de todo modo, em breve seria aniquilada. E se todos os outros aceitassem a mentira imposta pelo Partido — se todos os registros contassem a mesma história —, a mentira tornava-se história e virava verdade. ‘Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado’, rezava o lema do Partido. E com tudo isso o passado, mesmo com sua natureza alterável, jamais fora alterado. Tudo o que fosse verdade agora fora verdade desde sempre, a vida toda. Muito simples. O indivíduo só precisava obter uma série interminável de vitórias sobre a própria memória. ‘Controle da realidade’ era a designação adotada. Em Novafala: ‘duplipensamento’ (ORWELL, 2009, p. 47).

O último elemento postulado no ensaio de Orwell a respeito do nacionalismo é a indiferença à realidade. Segundo Martins (2005), este aspecto está relacionado com os dois primeiros e pode ser considerado como uma consequência deles. De acordo com Orwell (2018), o fato de o nacionalista estar tão obcecado pelo poder faz com que passe a se importar apenas com questões acerca de sua unidade. Sendo assim, não se interessa em analisar os fatos e verificar o que realmente está ocorrendo. Diante disso, a propaganda é um meio de disseminar ideias incoerentes e influenciar a opinião popular.

[...] os fatos serão apresentados de forma tão desonesta em quase qualquer jornal que se pode perdoar ao leitor comum que engula mentiras ou que não forme uma opinião. A incerteza geral sobre o que está realmente acontecendo facilita a adoção de crenças lunáticas. Como nada é realmente provado ou refutado, o fato mais inequívoco pode ser negado desavergonhadamente

Em 1984, percebemos a constante alteração e apagamento de registros históricos. Esse procedimento, aliado com o *duplipensamento*, faz com que seja praticamente impossível a verificação da veracidade acerca das informações. Portanto, a população de Oceania se encontra em uma condição em que a possibilidade do surgimento de uma consciência libertária é praticamente nula. Isto porque não há quaisquer meios de comparação entre o presente e o passado. E mesmo que, se por acaso, surgisse algum documento que contivesse em detalhes tais informações, o regime detém, como afirmamos anteriormente, a população sob uma insanidade controlada.

Em *Lua de Larvas*, esta característica pode ser percebida no controle do que é veiculado nos meios de comunicação. “Antes da guerra – qual guerra eu não sei, foram tantas, todas vencidas, é claro, pela grandiosa Terra Mãe” (GARDNER, 2014, p. 163).

A ironia do protagonista-narrador denuncia o fato de que o governo utiliza a propaganda como um meio de disseminar falsas informações que induzem a valorização do regime e o controle da opinião popular.

Após cometer o pensamento-crime, Winston considera a si mesmo como um homem morto. Esse reconhecimento e aceitação da morte também podem ser percebidos na narrativa de Gardner. Ao final do romance, Standish decide se infiltrar em meio aos trabalhadores no cenário construído para emular o ambiente lunar, na tentativa de provar a todos que a viagem espacial é uma farsa. Antes de colocar seu plano em ação, a personagem declara: “Sei que estou morto. A única pergunta é como vou morrer” (GARDNER, 2014, p. 223).

As afirmações das personagens são baseadas no conhecimento que têm sobre o regime no qual estão inseridos. Após presenciar inúmeras mortes executadas pelos governantes sem justificativas plausíveis, Standish não tem dúvidas ao que irá ocorrer consigo após a execução de seu plano. Winston tem a certeza de sua morte devido aos recorrentes desaparecimentos e a vigilância exacerbada ao qual está exposto.

Ao final da narrativa de Gardner, o protagonista – narrador obtém sucesso no que se propõe a realizar. Contudo, ele é alvejado por vários tiros. “As metralhadoras começam a disparar. As balas chovem ao meu redor, como estrelas cadentes” (GARDNER, 2014, p. 289).

Winston Smith, por sua vez, não é morto logo após ser capturado. A personagem passa por inúmeras sessões de tortura, que fazem com que seu corpo fique em um estado deplorável.

‘Veja em que estado você está!’, disse. ‘Veja essa capa de sujeira por todo o seu corpo. Veja a imundície entre os dedos de seus pés. Veja essa ferida nojenta na sua perna. Sabia que você fede como um bode? Provavelmente não sente mais seu próprio odor. Veja a sua palidez. Está vendo? Com o polegar e o indicador, posso dar a

volta em seu bíceps. Se eu quisesse, poderia quebrar o seu pescoço como se fosse uma cenoura. Sabia que você perdeu vinte e cinco quilos desde que está em nossas mãos? Até seus cabelos estão caindo aos tufos. Veja!’, e extraiu um tufo de cabelos de Winston. ‘Abra a boca. Sobram nove, dez, onze dentes. Quantos você tinha ao chegar? E os poucos que lhe restam estão caindo sozinhos. Veja!’ (ORWELL, 2009, p. 317).

Após os meses em que é torturado, Winston passa por uma espécie de recondicionamento. O propósito do Partido é fazer com que Winston se renda às doutrinas do *Socing* antes que seja executado. Diante de tais informações, podemos concluir que os regimes distópicos figurados nas narrativas de Gardner e Orwell atribuem valores diferentes ao controle da mente dos indivíduos. Ao final da narrativa de Orwell, o protagonista é forçado a vencer a si mesmo, perdendo toda a sua individualidade e se tornando um ser inconsciente à espera da morte.

Em *Lua de Larvas*, o regime demonstra um controle exagerado a respeito do corpo. Quando percebem o que o protagonista-narrador fez, o eliminam sem cogitação. A morte do garoto é televisionada, já que no momento estava ocorrendo uma transmissão ao vivo.

Os romances têm desfechos bem distintos. Enquanto Standish desmascara a farsa do governo, Winston é reinserido na sociedade como cidadão modelo. A atitude de Standish lhe custa à vida e também não sabemos o alcance de tal ato. Contudo, o protagonista – narrador da narrativa de Gardner pode ser reconhecido como um mártir pelos que virão. Já Winston é transformado em uma espécie de antimártir, pois sua revolta não servirá de inspiração para ninguém.

O desfecho destinado para o protagonista de *1984* já denota o grau de especialização em que se encontra o regime do Grande Irmão, pois a individualidade e consciência crítica de Winston são suprimidas devido às sessões de tortura e ao recondicionamento. No romance de Gardner, no entanto, a atitude do protagonista – narrador e, de certa forma, o sucesso ao que se propõe, demonstra certa esperança, ideal que é, ausente no romance de Orwell. Esse aspecto confirma, novamente, a atualização de questões levantadas por Orwell sob uma nova perspectiva, a qual se revela como uma característica das distopias heroicas do século XXI.

À guisa de conclusão, dada as questões discutidas no decorrer de todo o trabalho é notável as semelhanças existentes entre os meios de controle figurados em *1984* e *Lua de Larvas*. A continuidade e atualização acerca dos meios repressivos utilizados pelo regime do Grande Irmão demonstram, na narrativa de Gardner, a importância e pertinência de tais aspectos, como também, sobre o quão o gênero distópico se modificou e continua relevante. Ao figurarem sociedades alternativas que extrapolam características do universo empírico, a literatura distópica desempenha um papel significativo, seja em relação à crítica ao idealismo utópico, ou aos caminhos do passado e presente históricos.

BENTHAM, J. O Panóptico ou a casa de inspeção. In: _____. *O Panóptico*. 2. ed. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BERRIEL, C. E. O. Editorial. *Revista Morus: Utopia e Renascimento*. Campinas, SP, v.2 p. 5-17. 2005.

FORTUNATI, V. Utopia as a Literary Genre. In. FORTUNATI, V; TROUSSON, R. *Dictionary of Literary Utopias*. Paris. Champion, 2000. Disponível em: <<http://www.unife.it/lettere/lingue/insegnamenti/letteratura-inglese-ii/programma-bibliografia-calendario-lezioni-modalita-desame-e-materiale-didattico-anno-academico-2012-2013/Vita%20Fortunati-%20Utopia%20as%20a%20Literary%20Genre-%202000.pdf>> Acesso em: Set. 2018.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. 27. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARDNER, S. *Lua de Larvas*. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

KAYSING, B. *We never went to the moon*. Society of Metaphysicians, 1999.

MARTINS, A. A. P. A Resistência à (Des)ordem do Mundo ou a Dimensão Ético – Política da Escrita de George Orwell. In: VIEIRA, F. et al. *George Orwell: Perspectivas Contemporâneas*. Porto: FLUP, 2005.

MORE, T. *Utopia*. Trad. Anah de Melo Franco. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

ORWELL, G. *1984*. 36ª reimpressão. Trad. Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Notes on Nationalism*. 8. ed. Londres: Penguin Modern, 2018.

PAVLOSKI, E. *Da revolução ao totalitarismo: a herança de Nós, de Eugene Zamiatin, para as distopias do século XX*. Revista Morus. Campinas, UNICAMP. 2017.

_____. *1984: A distopia do indivíduo sob controle*. Ponta Grossa, UEPG. 2014.

SARGENT, L. T. What is a utopia? *Revista Morus: Utopia e Renascimento*. Campinas, SP, v. 2, p. 153 – 160, 2005.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Versão brasileira a partir do espanhol: Digital Source, 1981. Disponível em: <<http://groupsbeta.google.com/group/digitalsource>>. Acesso em: Set. 2018.

TROUSSON, R. Utopia e Utopismo. Trad. Ana Cláudia Romano Ribeiro. *Revista Morus: Utopia e Renascimento*. Campinas, SP, v. 2, p. 123-135, 2005.

Para citar este artigo

BONFIM, Yohana Gonçalves. 1984 e Lua de larvas: o reflexo da idealização utópica na distopia. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 01-22, set.-dez. 2019.

A autora

Yohana Gonçalves Bonfim é graduanda em Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.